



**IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
V SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
IV CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Ordem patriarcal de gênero e relações sociais de sexo

Serviço Social, feminismo e relações sociais de gênero

Lucila Ynes da Ponte Coutinho¹
Lueli Frank de Fátima Almeida Barbosa Furtado²

Resumo. A presente produção é fruto de pesquisa bibliográfica se propondo a discutir temáticas que são transversais dentro da profissão. Parte-se do pressuposto fundamental que marca a gênese do Serviço Social no Brasil, a incidência conservadora e suas especificidades, são analisadas a partir da divisão sexual do trabalho. Objetiva-se demonstrar como a implicação que o Serviço Social carrega enquanto uma profissão considerada feminina pela divisão sexual do trabalho deve ser investigada a partir de uma perspectiva crítica, considerando seus encadeamentos que refletem e reverberam cotidianamente na práxis profissional. Conclui-se que apesar de ser uma profissão genericamente antifeminista anseia por novos horizontes.

Palavras-chave: Serviço Social; Divisão sexual do trabalho; relações de gênero; feminismo.

Abstract: The present production is the result of bibliographic research proposing to discuss themes that are transversal within the profession. It starts from the fundamental assumption that marks the genesis of Social Work in Brazil, the conservative incidence and its specificities, are analyzed from the sexual division of labor. The objective is to demonstrate how the implication that Social Work carries as a profession considered feminine by the sexual division of labor must be investigated from a critical perspective, considering its chains that reflect and reverberate daily in professional praxis. It is concluded that despite being a generically antifeminist profession, it yearns for new horizons.

Keywords: Social service; Sexual division of labor; gender relations; feminism.

¹ Bacharela em Serviço Social pela Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP), e-mail: coutinholucila@gmail.com

² Bacharela em Serviço Social pela Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP), e-mail: lueli.frank520@hotmail.com



I. INTRODUÇÃO

Nesta discussão, parte-se do pressuposto da percepção analítica do Serviço Social como profissão inserida na divisão sociotécnica do trabalho, determinada socialmente por relações patriarcais ligadas ao gênero, imprimindo a profissão um caráter majoritariamente feminino. Pretende-se analisar preliminarmente, os elementos fundantes e/ou determinantes que estiveram presentes nessa turva trajetória do Serviço Social brasileiro.

A relação da profissão com os debates em torno da categoria gênero perpassa por uma realidade que lhe compete historicamente desde a sua gênese, quando não existia um posicionamento da profissão acerca das múltiplas determinações sociais vigentes naquele período.

A profissionalização do Serviço Social se dá em meio a um cenário estigmatizado e ameaçado pela ordem burguesa, sendo fundante nas relações que estruturam a divisão sexual do trabalho na sociedade, apreende aspectos relacionais que reportam características significativas quanto ao pensar e agir profissional.

A marcante presença de mulheres, tanto na composição da categoria profissional quanto no público usuário de seus serviços, reporta ao Serviço Social uma importante característica de sua identidade profissional, indispensáveis no significado sócio-histórico e ideopolítico da profissão.

Fundamentalmente a institucionalização do Serviço Social no Brasil, enviesada por relações hierárquicas, foi impactada por antagonismos e desigualdades, refletindo diretamente na identidade, cultura e consciência profissional dos assistentes sociais.

A legitimidade profissional passa a ser buscada e incorporada pela profissão na passagem dos anos 1970 aos 1980, quando há uma articulação da categoria junto aos movimentos sociais. Esse período significou o amadurecimento teórico do Serviço Social brasileiro, marcado pela aproximação com as tendências feministas no âmbito teórico acadêmico, pautados no arcabouço teórico marxista. O debate feminista se respaldava em assuntos comuns que perpetuavam na sociedade, como a opressão e exploração das mulheres perante o sistema econômico capitalista.

Desse modo, além desta introdução, o trabalho é composto pelos seguintes itens: O perfil profissional do Serviço Social brasileiro: fundamentos e história; Aproximações Sucessivas: Serviço Social, gênero e feminismo. Por fim, pontuam-se notas conclusivas que



buscam delinear acerca das aproximações teórico-metodológicas emancipadoras da categoria que apreendendo a importância das relações sociais de gênero para a profissão visa alcançar novos horizontes e construir caminhos diversos para a humanidade.

II. O PERFIL PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO: fundamentos e história

As primeiras décadas do século XX são marcadas por profundas tensões na sociedade brasileira. O sistema econômico capitalista encontrava-se em expansão, havia uma incipiente conformação da classe operária composta tanto por homens quanto por mulheres, ao mesmo tempo, a sociedade tomava novas expressões e as desigualdades começavam a se apresentar de forma mais latente. A questão social³ ganhava forma e novas ressignificações na sociedade.

As mulheres, nessa época, sofriam veementemente, simplesmente por serem mulheres em uma sociedade machista⁴ fundada em moldes patriarcais, eram oprimidas e omissas de direitos. Foi em meio a uma conjuntura totalmente contrária a emancipação feminina, que as mulheres se organizaram em diversos movimentos de luta por liberdade.

Para enfrentar essa situação de opressão e a ausência de direitos civis, políticos e sociais, as mulheres se organizaram em diversos movimentos feministas que lutavam pela “emancipação” feminina, tanto os movimentos sufragistas, organizados pelas mulheres da elite intelectual e da burguesia, quanto os movimentos de mulheres anarquistas, formado pelas mulheres da classe trabalhadora. (INÁCIO, 2013, p. 125).

É também nesse contexto que o Serviço Social⁵ emerge no Brasil, à luz da década de 1930, em meio aos antagonismos presentes na sociedade, surge como estratégia do capital, do Estado e da Igreja para responder as mazelas fortemente difundidas que se encontravam em ascensão. Historicamente, Cisne (2015, p. 49) expõe que “o Serviço Social surge para atender aos interesses capitalistas em oposição ao comunismo, mediante a ação e influência da Igreja Católica, subordinada ao sistema capitalista, hegemônico na sociedade”.

³ Segundo Iamamoto e Carvalho (2014, p. 83-84): “A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção, mais além da caridade e da repressão.”

⁴ “[...] foi a própria necessidade do capital, de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas, que definiu como e em que medida as mulheres foram integradas à sociedade. A condição subalterna da mulher, herança de outros modelos de produção, é absorvida para confluir numa superexploração das mulheres das camadas populares, as quais foram integradas ao trabalho industrial.” (ALAGOANO; DURIGUETTO, 2018, p. 232).

⁵ Afirma Iamamoto (2004, p. 18): “Como profissão inscrita na divisão do trabalho, o Serviço Social surge como parte de um movimento social mais amplo, de bases confessionais, articulado à necessidade de formação doutrinária e social do laicato, para uma presença mais ativa da Igreja Católica no “mundo temporal”, nos inícios da década de 30.”



As protoformas do Serviço Social caracterizam a profissão com um caráter apostólico, orientadas por doutrinas sociais da igreja, embasadas pelo ideário franco-belga de ação social do pensamento de São Tomás de Aquino (YAZBEK, 2009). Essa caracterização da profissão em seu cerne apresenta incisiva relação com o papel da mulher na sociedade, pautado em valores patriarcais, que foram expressos tanto por quem praticava a ação dentro do Serviço Social, quanto pela representação da mulher na sociedade brasileira.

Percebe-se que a influência da Igreja no Serviço Social não foi superficial, mas determinou profundamente a formação e o exercício profissionais. Para exemplificar, pode-se citar que, tanto o corpo discente, quanto o docente, das escolas de Serviço Social, eram formados em sua grande maioria pela ação católica, além do inegável fenômeno social da marca feminina na sua composição. (CISNE, 2015, p. 52)

O Serviço Social adquire uma marcante característica quanto ao perfil profissional na época, essas mulheres “pertenciam à pequena burguesia paulistana: militares, clero, funcionários públicos, professores e profissionais liberais, além dos pequenos e médios proprietários urbanos e rurais.” (SILVA, 2014, p. 102). Era destinada a elas a responsabilidade de “cuidar” das pessoas que estivessem precisando de cuidado, atendendo assim os objetivos do projeto conservador: instituindo e modelando o que é feminino, produzindo e gerando desigualdades entre homens e mulheres, veladas, prioritariamente, no campo de oportunidades e na inserção profissional no mercado de trabalho.

[...] o Serviço Social adequou-se ao leque de oportunidades de carreira permitido às mulheres desde o fim do século 19, uma alternativa à inserção no mercado de trabalho. Essa inserção foi permitida pela sociedade à medida que as mulheres passaram a exercer trabalhos extensivos aos já exercidos por elas no mundo privado. (CISNE, 2015, p. 54)

Dessa maneira, o ingresso na carreira do Serviço Social, era composto majoritariamente por mulheres, devido ao conservadorismo moral presente na sociedade brasileira, ou seja, o sistema capitalista, responsável por reproduzir o estigma da naturalização dos “papéis sociais” das mulheres na sociedade, e a Igreja, enquanto uma influente instituição para a profissão contribuiu historicamente com a difusão e materialização da ideologia patriarcal.

[...] A legitimidade e aceitabilidade das mulheres na profissão de assistente social, no que se refere ao gênero, se dá pelo fato de esta profissão demandar qualidades e atributos considerados femininos, ou seja, a mulher desempenhava, na esfera profissional, atividades semelhantes às que desempenhava na esfera doméstica. Era, portanto, uma saída das mulheres para a profissionalização com a atenuação dos preconceitos e da opressão. (VELOSO, 2001, p. 85)

Reforçando essa cultura patriarcal, hierárquica e conservadora do perfil de mulheres atrelado à profissão em seu cerne, Iamamoto e Carvalho (2014) acenam para uma



característica que marcou o período; o fator físico dessas mulheres que era determinante, exigido e avaliado com critérios significativos, ou seja, tais figuras femininas tinham que apresentar uma saúde impecável, com nenhuma deformação, assim seriam melhores pretendentes à carreira no Serviço Social.

Todas as evidências mencionadas contribuíram para a construção social entorno do papel da mulher na sociedade, gerando reflexos em várias camadas sociais, ideopolíticas e profissionais. O fato é que as precursoras do Serviço Social se posicionavam contra o feminismo e contra todas as formas de superação do conservadorismo, pelo simples fato de defenderem um projeto de classe antirrevolucionário.

O conservadorismo católico passa a ser questionado quando a profissão começa a adquirir um amadurecimento teórico, quando assuntos relacionados ao conceito de gênero e feminismo são postos em pauta pela categoria, quando os papéis sociais outrora naturalizados passam a ser debatidos e as desigualdades de gênero desmistificadas. Seguindo o fio da história, o próximo tópico fundamentará as décadas de maturação do Serviço Social e suas aproximações sucessivas com os assuntos que transversalizam a historicidade da profissão.

III. APROXIMAÇÕES SUCESSIVAS: Serviço Social, gênero e feminismo

Com a chegada dos anos 1960 e com todas as transformações ocorridas no cenário institucional do país, o Serviço Social começa a questionar as suas bases filosóficas e metodológicas incorporadas pela profissão até ali. As inquietações da categoria influenciaram em um amplo movimento de renovação⁶ imposto à profissão, movimento este que idealiza a construção de um novo projeto profissional comprometido com as demandas das classes subalternas e que rompesse com o paradigma tradicionalista da profissão.

O movimento de reconceituação configura para o Serviço Social uma interlocução com outra matriz teórica - a teoria social de Marx⁷. Vale enfatizar que essa aproximação com a teoria marxista se dá em meio a intensos problemas, onde essa relação

⁶ Iamamoto (2000, p.206) discorre que esse movimento de renovação, [...] perfilou-se, desde o seu nascedouro, como um movimento de denúncia – de autocrítica e de questionamentos societários que tinha como contraface um processo seletivo de busca da construção de um novo Serviço Social latino-americano, saturado de historicidade, que apostasse na criação de novas formas de sociabilidade a partir do próprio protagonismo dos sujeitos coletivos.

⁷ “O encontro do Serviço Social com a perspectiva crítico-dialética deu-se por meio do filtro da prática político-partidária. Por meio dela muitas inquietudes foram transferidas da militância política para a prática profissional, estabelecendo-se freqüentemente uma relação de identidade entre ambas, deixando de lado suas diferenças e, assim, impossibilitando a análise criteriosa de suas mútuas relações.” (IAMAMOTO, 2000, p. 209)



consolida-se através de um marxismo equivocado, enviesado e vulgar, e é então nas seguintes décadas que essa abordagem se torna efetiva na profissão. (YAZBEK, 2009).

Ainda na década de 1960, a profissão começa uma aproximação com a luta das mulheres, ocorreram momentos marcantes para o feminismo no Brasil, chegam ao país importantes obras como “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir. Intrínseco a esse período, data ainda a ditadura militar, onde muitas mulheres foram perseguidas, presas, torturadas e mortas.

A aproximação do Serviço Social com as lutas feministas é um fator importante para que se considere o processo de renovação da profissão. É importante destacar que a renovação desta profissão foi marcada pela atuação das mulheres assistentes sociais que, por sua vez, são parte de um legado de lutas feministas por maior participação das mulheres na vida pública. (ALVES, 2017, p. 143-144).

Esse foi um momento desafiador e contraditório para o Serviço Social, entre a relação com os movimentos sociais e o cenário ditatorial que incidiu sobre o processo de reconceitualização na profissão. “Nessa época, ainda no regime militar, a questão social foi enfrentada pelo binômio “repressão” e “assistência”. (LISBOA, 2010, p. 71).

A conjuntura mundial dos anos 1960, com a emergência de movimentos libertários, propiciou uma primeira vinculação do Serviço Social aos movimentos sindicais e sociais, dentre eles, os movimentos de mulheres e feministas, configurando um momento significativo pela possibilidade de aproximação entre o Serviço Social e o feminismo no país. (INÁCIO, 2013, p. 130).

A transição dos anos 1970 aos 1980 representou um momento de ascensão dos Novos Movimentos Sociais⁸. Com o fim da ditadura militar/autocracia burguesa, têm-se ainda maior aproximação do Serviço Social com essas camadas, como os movimentos de mulheres. A referência em Marx na profissão foi se intensificando, assim como os rumos para a democratização foram se consolidando e com isso, o fazer profissional foi se modificando.

Paralelo a essas condições históricas que emergiam no país, a profissão toma forma em fatores de produção acadêmica e no avanço teórico, na realização de eventos e congressos acadêmicos, considerando ainda os cursos de graduação e pós-graduação de Serviço Social no circuito acadêmico⁹.

⁸ “Os chamados “Novos Movimentos Sociais” englobam uma enorme diversidade de movimentos, como o feminista, o negro, o gay, o da antipsiquiatria, o estudantil, entre outros. Eles marcaram fortemente a segunda metade do século XX, atingindo seu ápice em maio de 1968m na Europa e Estados Unidos, e chegando com maior intensidade ao Brasil na década de 1980.” (ANDRADE, 2007, p. 140)

⁹ “Nesta tradição o Serviço Social vai apropriar-se a partir dos anos 80 do pensamento de Antonio Gramsci e particularmente de suas abordagens acerca do Estado, da sociedade civil, do mundo dos valores, da ideologia, da hegemonia, da subjetividade e da cultura das classes subalternas. Vai chegar a Agnes Heller e à sua problematização do cotidiano, à Georg Lukács e à sua ontologia do ser



O avanço inscrito na produção acadêmica do Serviço Social como expõe Yazbek (2009) ganha vez no mundo da pesquisa, na criação de uma bibliografia singular, na produção acerca da realidade social e o destaque para o intenso contato no Brasil e no mundo com as Ciências Sociais, além disso, a intervenção profissional ganha novo rumo com a criação de organismos legais.

Esse aspecto caminhou junto a um período de aproximação com o feminismo, pois eles conversavam e então “estavam inseridos no largo campo das forças democráticas de oposição à ditadura militar e de defesa de um projeto popular e anticapitalista para o país, a serviços das classes trabalhadoras e segmentos oprimidos.” (INÁCIO, 2013, p.137). A ascensão das tendências feministas inspiradas por vertentes marxistas/socialistas nesse período também contribuiu para essa relação.

Um acontecimento marcante na transição dessas décadas foi a realização do III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), que ocorreu em 1979 e ficou conhecido como “congresso da virada”, marcou a “virada” do Serviço Social. Após esse acontecimento, pode-se elucidar o avanço na organização política da profissão, porém a “aproximação entre as vanguardas da categoria profissional e as lutas dos movimentos de mulheres e feministas não repercutiu de forma mais ampla no debate da profissão” (INÁCIO, 2013, p. 140). Como elucidado, apesar do avanço político da profissão, existe um afastamento com o debate feminista, seguindo caminhos diferentes LISBOA; PINHEIRO, (2005, p. 204) afirmam:

[...] enquanto o movimento [feminista] lutava pelos direitos da mulher, publicizando e dando visibilidade para a questão da violência contra ela, o Serviço Social, como profissão, tentava avançar na superação de um patamar conservador, conforme Netto (1991), deixando para trás suas raízes vinculadas à doutrina social da Igreja para assumir uma postura mais crítica frente à sociedade.

Com a elaboração do Código de Ética de 1986, que tem seus interesses pautados na classe trabalhadora e com fortes influências marxianas, nota-se uma relação parcial da categoria profissional com a questão do feminismo, muito justificada pelo compromisso único com seus interesses de classe, ou seja, não cabendo oportunidade para outros debates que seriam importantes a época, o que não vale culpabilizar a teoria de Marx por tal aspecto.

social fundada no trabalho, à E.P. Thompson e à sua concepção acerca das "experiências humanas", à Eric Hobsbawm um dos mais importantes historiadores marxistas da contemporaneidade e a tantos outros cujos pensamentos começam a permear nossas produções teóricas, nossas reflexões e posicionamentos ideopolíticos. [...] Trata-se de um debate plural, que implica na convivência e no diálogo de diferentes tendências, mas que supõe uma direção hegemônica. A questão do pluralismo, sem dúvida uma das questões do tempo presente, desde aos anos 80 vem-se constituindo objeto de polêmicas e reflexões do Serviço Social.” (YAZBEK, 2009, p. 11-12).



Contudo, nota-se ao aproximar o debate com a década de 1990, que as lutas das mulheres e feminista foram parcialmente incorporadas na profissão, que inclui de fato essas questões ao desenvolver do seu projeto profissional, representante da ruptura com as bases conservadoras e construção crucial que traz ao seio das suas dimensões novas questões. (INÁCIO, 2013).

O Código de Ética de 1993 funda um véis de compromisso com a emancipação dos homens e mulheres, onde houve a incorporação do debate sobre “gênero”, por exemplo. A Lei de Regulamentação da Profissão do mesmo ano (8662/1993) e as Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996 são exemplos da articulação política e de caráter coletivo dentro do Serviço Social, articulados com um projeto de sociedade.

A partir disso é permitido anunciar uma relação mais efetiva entre a profissão e o feminismo. Cisne (2012) enfatiza a importância do feminismo e da luta das mulheres para a profissão, sendo intrínseco ainda ao processo de renovação do Serviço Social e para a concretude do Projeto Ético Político, seu sentido emancipatório e contra toda e qualquer tipo de opressão. É notável nessa época certa incorporação nas dimensões da profissão dos estudos sobre gênero, e como explicita Souza; Veloso (2015, p. 186):

[...] afirmar que o debate sobre relações de gênero está presente no Serviço Social não significa que isso se dê sem problemas ou equívocos conceituais e históricos. Se, por um lado, é sabido que a discussão sobre relações de gênero não está ausente do campo do Serviço Social, sabe-se, por outro, que há muito ainda a ser amadurecido com relação ao tema.

Essa relação outrora exposta incide em um contexto de neoliberalismo, processo que influencia diretamente na profissão e na sociedade, como explicita Alves (2017, p. 149), ocorrem mudanças que afetam “não só as formas de organização da classe trabalhadora, como por exemplo, os partidos e os sindicatos, mas, fundamentalmente, os movimentos de mulheres, LGBT e de negros e negras.”

Os anos 2000 são marcados por um contexto de luta, inclusive das mulheres, questionadoras do processo de capitalismo e neoliberalismo incisivos no país. “Tal quadro tem permitido uma dinamização do debate feminista no país, o qual repercute no interior da profissão, provocando um maior estreitamento das articulações do Serviço Social com o feminismo.” (INÁCIO, 2013, p. 155). Ainda como expõe a autora (2013, p. 156):

Outro elemento que tem suscitado uma interlocução do Serviço Social com as lutas e o pensamento feminista diz respeito à crescente inserção profissional nas políticas públicas para as mulheres organizadas no plano nacional pelo governo federal, em parceria com estados e municípios. Trabalhando no planejamento e execução dessas políticas de atendimento às mulheres, os/as Assistentes Sociais puderam entrar em contato com a perspectiva feminista que fundamenta os princípios e



diretrizes da Política Nacional para as Mulheres, bem como conhecer as demandas e reivindicações dos movimentos feministas e de mulheres.

A consolidação do feminismo enquanto movimento social contribui diariamente para a conquista e garantia dos direitos das mulheres. Como elucida Tiburi (2019), o feminismo luta por uma sociedade em que todas as pessoas tenham os mesmos direitos e sejam impulsionadas a desenvolverem as suas potencialidades marcadas para além do mérito. Validando as palavras aqui explicitadas, Ferreira (2007, p. 23) conceitua o feminismo como um movimento que “luta pela ascensão das mulheres aos centros de decisão, para que as mudanças nas relações de gênero conquistem relevância social e se efetivem”.

O Brasil anuncia nos últimos anos um fortalecimento da criminalização dos movimentos sociais, legitimada pelo Estado e espalhada pela grande mídia. Nesse cenário, o feminismo resiste em meio ao grande conservadorismo patriarcal que se instaura no país, atrelado a isso, o Serviço Social segue em lugar de negação ao imperialismo, se apresentando cada vez mais em consonância com a emancipação das mulheres.

IV. CONCLUSÃO

Apesar de ser uma profissão em seu cerne antifeminista, com o amadurecimento teórico e com legítimas aproximações teórico-metodológicas emancipadoras, o Serviço Social pautado em seu Projeto Ético-Político se fortalece enquanto um importante símbolo de luta e emancipação das mulheres indo na contracorrente e ultrapassando os horizontes do capital se mostra como um mecanismo social para a construção de novos tempos.

O Projeto Ético-Político Profissional que regulamenta a profissão não perpetua com nenhuma forma de opressão, preconceito ou discriminação. Pelo contrário, é um Projeto que está fundado na aliança entre a classe trabalhadora e os movimentos sindicais, sociais e populares, dentre eles o movimento de mulheres e feminista. É um Projeto que luta pela emancipação humana e pela libertação de toda e qualquer forma de opressão.

Tendo em vista que o Serviço Social é uma profissão composta majoritariamente por mulheres e que possui uma demanda expressiva de mulheres, é constante a disposição em compreender como a categoria profissional com as suas particularidades apreendem reflexões referentes a relevância do gênero e feminismo enquanto estratégia política para o fortalecimento tanto do processo formativo quanto do exercício profissional.

Nessa óptica, consideramos que assuntos como estes, cooptados pela teoria crítica e em constante movimento, inclinados para a transformação social no sentido de



superar os limites impostos pela ordem do capital, configuram uma validade para a profissão no sentido de agregar a prática profissional no horizonte da emancipação humana.

Problematizar gênero e feminismo no Serviço Social é uma tarefa um tanto quanto desafiadora, partindo do pressuposto de que nem sempre essas categorias estiveram juntas ou caminharam do mesmo lado. Durante o processo de gênese e desenvolvimento do Serviço Social no Brasil, os movimentos feministas já se encontravam em constante ascensão pelo mundo e a categoria gênero já repercutia entre os estudos de intelectuais contemporâneos da época.

O Serviço Social é uma profissão que resiste e luta desde os seus primórdios. A discussão feminista na categoria profissional tem em vista alcançar um horizonte, que contribua para a construção de um projeto societário sem exploração, opressão e dominação de classe através da ampliação e da construção de uma consciência feminista, na defesa dos direitos humanos e das mulheres.

V. REFERÊNCIAS

ALAGOANO, Verônica Medeiros; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **O MOVIMENTO FEMINISTA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**. Serv. Soc. n. 132, p. 231-251. São Paulo, 2018.

ANDRADE, Daniel Pereira. **OS “NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS” E O PARADIGMA DAS CLASSES**: é possível conciliá-los? Estudos de Sociologia, Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 13, n. 2, p. 139-151.

ALVES, Leonardo Nogueira. **RELAÇÕES PATRIARCAIS DE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL**. Rio de Janeiro, 2017.

CISNE, Mirla. **GÊNERO, DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E SERVIÇO SOCIAL**. 1ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

_____; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. **FEMINISMO, DIVERSIDADE SEXUAL E SERVIÇO SOCIAL**/ Mirla Cisne, Silvana Mara Morais dos Santos. – São Paulo: Cortez, 2018.

FERREIRA, Mary. **As Caetanas Vão à Luta**: feminismo e políticas públicas no Maranhão – São Luís: EDUFMA; Grupo de Mulheres da Ilha, 2007.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Renovação e conservadorismo no serviço social**. – 7 ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

IAMAMOTO, Marilda V; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 41^o Edição. São Paulo: Cortez, 2014.



INÁCIO, Miriam de Oliveira. **A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES NO PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DO SERVIÇO SOCIAL: contribuições e dilemas das relações entre Marxismo e Feminismo.** – Recife: O Autor, 2013.

LISBOA, Teresa Kleba; PINHEIRO, Eliane Aparecida. **A INTERVENÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL JUNTO À QUESTÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.** Revista Katálysis - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Florianópolis (SC), v. 8, n. 2, jul./dez. 2005.

LISBOA, Teresa Kleba. **GÊNERO, FEMINISMO E SERVIÇO SOCIAL – encontros e desencontros ao longo da história da profissão.** In: Revista Katálysis. Santa Catarina, 2010. nº 1; p. 66-75.

SILVA, Ivone M. F. **QUESTÃO SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL: fundamentos sócio-históricos.** 2. ed. Campinas, SP: Papel Social; Cuiabá, MT: EdUFMT, 2014.

TIBURI, Marcia. **FEMINISMO EM COMUM: para todas, todes e todos.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

VELOSO, Renato. **No Caminho de uma reflexão sobre Serviço Social e Gênero,** in: Revista Praia Vermelha. Estudo de Política e Teoria Social. V. 2, n. 4. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

YAZBEK, MARIA CARMELITA. **OS FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO NA CONTEMPORANEIDADE.** 2009.